

## A lei dos irmãos<sup>1</sup>

### *The law of brotherhood*

MICHEL MAFFESOLI

Professor da Sorbonne, Paris V. Membro do Instituto Universitário da França. <[www.michelmaffesoli.org](http://www.michelmaffesoli.org)>

*Omnia bona*

*Fausta*

*Feliciaque*

*Ad primordia*

*Anni 2012 salutis*

### RESUMO

Assistimos à volta de uma época sensualista, com os preconceitos próprios às contaminações que os “ídolos da tribo” suscitam, mas, igualmente, com os fervores fraternais que eles não deixam de impulsionar. Há idolatria no espírito do tempo e todos os domínios da vida social estão contaminados. Podemos considerar que o paradigma pós-moderno se enraíza em uma espécie de “razão prática” do *affrèment*. O prazer de “ser” é coletivo. Está em sua estrutura proceder por contaminação. Epidemia que as redes de Internet trabalham para consolidar. Não há nada de individual nestas áreas. A excitação e a histeria são comunitárias.

PALAVRAS-CHAVE: Tribalismo; Hedonismo; Socialidade.

### ABSTRACT

We have seen the return of a sensualistic time, with the specific prejudices raised by the contamination of the “idols of tribe”, but also with the fraternal fervor that they don’t stop driving. There is idolatry in the spirit of time and all domains of life are contaminated. We can consider that the postmodern paradigm is rooted in a type of “practical reason” of the *affrèment*. The pleasure of “being” is collective. It is in its own structure proceeding by contamination. Epidemic that Internet networks strive to consolidate. There is nothing individual in these fields. The excitement and hysteria are communitarian.

KEYWORDS: Tribalism; Hedonism; Sociality.



*Quam jucundum habitare fratres in unum.*

Psaume 133 (132)I

**E**mbora a experiência da vida cotidiana esteja aí, comprovadamente, é curioso constatar que nos recusamos, constantemente, a ver que se “co-nhecer” é, antes de tudo, em seu sentido estrito, *nascere com*. De fato, se há uma lei universal que rege o gênero humano é a de que nós não somos aquele que se vê no espelho e sim aquele que se reconhece no olhar do Outro. É a alteridade que me faz existir. Trata-se aqui de uma dessas banalidades que teríamos receio em lembrar se o conformismo lógico, a opinião intelectual e o ambiente *correctness* não nos forçassem a fazê-lo.

Lugar comum, portanto, de memória antiga, lugar comum de raízes profundas, que reencontra um inegável renascimento em nossos dias. O “primitivo” é sempre instrutivo quando queremos entrar em acordo, em profundidade, com o que é. É por isso que, além da comum, bem usual e bem usada “fraternidade”, convém retornarmos a palavras menos habituais, porém, mais fundamentais, que permitam fazer aparecer as “coisas” evidentes da vida de todos os dias. “As palavras e as coisas”: diálogo que não pode ser mais instrutivo.

Este termo que encontramos nas antigas formas da sodalidade (será preciso retornar aqui), o “afreiramento”<sup>2</sup>. Através dele, exprime-se a “filadelfia” ou mesmo a “filantropia”. Na língua da minha região, o languedociano<sup>3</sup>, dizemos, para fraternizar, “se afreirar”. Frédéric Mistral (*Moun espelido: memori e raconte*, 1906) utilizou a seu prazer este termo tão cantado para exprimir, justamente, o laço profundo e afetuoso que nos liga às raízes e àqueles que comunham através delas. A obra densa e prolixa

do *félibrige*<sup>4</sup> em meados do século XIX tem por motor essencial a preocupação em “se afreirar” a fim de redinamizar uma língua e, assim, uma maneira de ser.

Mas, para bem apreciar a pura realidade, para “estar à altura do cotidiano”, é preciso saber sair do torpor de nossas evidências. Para os gregos, existiam diversas categorias de “demônios”. Por exemplo, *Hypnos* e *Eros*. O primeiro tinha o poder de adormecer, o segundo de manter acordado! Bela metáfora no que se trata de *erótica social*: não é inútil que o travesso *Eros* nos provoque um pouco, lembrando-nos do próprio fundamento do viver-junto.

É assim que além ou aquém da economia da salvação individual que foi privilegiada pela instituição cristã, existe uma mensagem inicial: aquela de uma fraternização constitutiva do “corpo místico”, este laço misterioso que une fortemente os fiéis entre si. Teólogos como R. Bultmann, de *Glauben und Verstehen* (*Crer e compreender*, 1933-1965) ficaram atentos a este *kérygma* que foi a proclamação inicial da mensagem cristã. Em um mundo romano em decadência, valorizar o *ser-irmão*, o *entre-irmãos*, eis onde não faltava audácia. A mensagem original era original.

Mas o “choque amoroso” que é toda gênese tende a se atenuar e a perder sua vivacidade. A institucionalização é, nós sabemos, sempre mortífera, havendo a necessidade de um retorno radical: retornar às raízes para identificar a linha de força que continua a atormentar o inconsciente coletivo. Assim, reconhecer que além de uma subjetividade mestre dela mesma e de seus atos, existe alguma coisa mais profunda, que permite compreender, além dos egoísmos, a perenidade do laço social.

Heidegger a chamou, para este fim, de a “inversão do pensamento”. Esta torção (*verwindung*) que permite pensar as transformações. Método que não pode ser mais salutar para dar conta das transmutações em curso. Além dos encantamentos *críticos*, habituais nas análises intelectuais, a *radicalidade* da abordagem tem esse preço: é preciso desobstruir o caminho do pensamento das nossas certezas habituais

que, progressivamente, tornam-se dogmas que não podem ser mais esclerosantes. Dogmatismo que não permite apreender a vitalidade de numerosas práticas juvenis que, ao não se reconhecer nas formas institucionais do “social”, exprime um ideal de *comunidade* em gestação do qual será cada vez mais difícil negar a víride.

Mas, para apreender a originalidade das novas formas de solidariedade, das múltiplas manifestações da generosidade, da alquimia ativa induzida pelo voluntariado e outras atitudes caritativas, talvez não seja inútil nos purgarmos de nosso subjetivismo “nativo”. De fato, e é lá que o sapato aperta, o que fez a especificidade do pensamento ocidental e/ou moderno foi um subjetivismo impenitente. Sujeito isolado, senhor de si e do mundo como um todo. O famoso “caniço pensante” pascaliano!

Mas, para bem entender o que é a “frátria” pós-moderna – retorno das comunidades, das tribos e de outros clãs –, é preciso continuar a crítica de tal subjetivismo. Este é causa e efeito do idealismo filosófico. É, de fato, o sujeito pensante que cria o mundo e os outros. Solipsismo teórico que conduz, inevitavelmente, ao egoísmo economicista. Atitude paranoica esta que, a exemplo do Deus Único que criou o mundo ao “nomeá-lo”, pensa que o conceito bem definido dá forma ao que *deve ser* e como isto *deve ser*!

Contra tal subjetivismo/idealismo que conduza à abstração de diversos sistemas intelectuais contemporâneos (e logo à sua inevitável desconsideração), talvez se deva voltar às “coisas” concretas. Ao que nos faz viver *neste mundo*. Ao que certamente nos limita, nos determina, mas também nos dá a ser, nos faz ser quem somos.

Voltar ao “realismo” que a modernidade havia evacuado e que estava no fundamento dos modos de pensamento e de ser específicos da pré-modernidade. Pudemos, assim, perceber que a *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino, para citar apenas esse exemplo, apoiava-se, mesmo que para pensar o céu, em um inegável *realismo* terreno. Tal realismo baseado no fato de que o que faz a especificidade de todas as coisas e de cada um é depender do outro: *abalidadade* (“*ab alio*”, ser pelo outro).

*Abaliedade*, para entrar no vocabulário filosófico, opondo-se justamente a esta *asseidade*, qualidade de um ser que encontra “em si mesmo a razão e o princípio de sua própria existência” (Lalande). Além dos termos empregados (aqui por puro capricho), podemos concordar sobre o fato de que eles designam, com precisão, diversas atitudes empiricamente observáveis, mostrando que somos, em todos os níveis, dependentes da alteridade. Mimetismo, fenômenos de moda, gregarismo quotidiano, tudo que acentua o sentimento de pertença. Uma pessoa não é jamais em si, mas sempre para outro. Sempre em relação, em fusão, em confusão. É isto que chamei de “orgia” em seu tempo, é uma tal propensão para o outro que se pode dizer que o erótico, *lato sensu*, é a característica essencial do mundo.

Essa relação de pertinência é um fenômeno inicial: *se reunir, se juntar, se parecer* constitui o clima *societal*, em seu sentido abrangente que o *social* contratual havia acreditado evacuar, e que encontra uma força e vigor, cujos efeitos podemos observar quotidianamente. O desenvolvimento das atitudes coletivas, a importância que encontra o “gênio do lugar”, as epidemias *stricto sensu* ou os processos de contaminações políticas, sociais, ideológicas, testemunham este retorno da viralidade.

Na Idade Média isto se chamava “*communio spiritus*”, comunhões que estavam na origem dos movimentos de multidão: cruzadas, revoltas, “levantes” e fanatismos diversos que fragilizavam os poderes estabelecidos, recordando o poder fundador do povo. É de uma “atmosfera” desta ordem que vemos os efeitos nos dias de hoje. Rebelião, revoltas, efervescências e “indignações” de todos os tipos, certamente, mas também modas vestimentárias, posturas corporais parecidas, ideias comuns, conformismos teóricos, tudo isso lembra que estamos sempre “em relação”. Totalmente determinados, limitados por essas relações que, conscientemente ou inconscientemente, fazem de cada um de nós prisioneiro de uma tribo.

Basta, a este respeito, observar o mimetismo tribal se exercer sobre um livro, uma peça de teatro, um concerto musical, uma ideia da moda, uma “indignação” barata, para dobrar a conversa daqueles que consideram que o individualismo é, ainda, o principal motor das sociedades contemporâneas. Certamente, o “eu penso” e a investigação livre foram a marca da modernidade, mas é o “eu sou pensado”, ou o *servo espírito*, que são, sem dúvida, as características do momento.

Não há mais razão de ser ofuscado por isto. Há épocas em que os fenômenos de “ideias-chave”, linhas de campos magnéticos, prevalecem. Os cientistas políticos notam de novo o retorno do que eles chamam “*affectio societatis*”. Assim, tão surpreendente quanto possa parecer, é preciso lembrar a tempo e a contratempo tudo que o estar-junto foi para este “*ordo amoris*”<sup>5</sup>. Uma ordem na qual os afetos têm a sua parte e a programação vem da horizontalidade fraternal.

Basta, igualmente, lembrar-se do vasto fenômeno dos “Fiéis do Amor” em todos os pequenos tribunais senhoriais da Idade Média, do que foi a mística arturiana na busca do Graal, sem esquecer a importância dos movimentos milenaristas ao longo dos séculos, para compreender que não é nada surpreendente que tal eretismo, esta excitação do coração, possa ressurgir em nossas sociedades.

Lembrando que as formas paroxísticas das quais falamos recentemente se enraizavam no substrato da cultura popular. Dentre várias outras, a obra do pintor Jérôme Bosch mostra bem tudo o que o festivo excepcional era para a banalidade da vida cotidiana. E que antes do “desencantamento do mundo”, produto da modernidade, o fantástico dos festejos fraternais era o lote comum das comunidades nos vilarejos. O “jardim das delícias” que ele descreve destaca, principalmente, o que era a sabedoria da vida de todos os dias.

É este hedonismo no cotidiano que merece atenção. Porque, no encontro de uma visão “economicista”, aquela do individualismo, do subjetivismo, do

idealismo, que estava em questão, o prazer de ser só pode ser coletivo. Está em sua estrutura proceder por contaminação. Epidemia que as redes de Internet, os sites comunitários, trabalham para consolidar. O desenvolvimento do festivo ou do lúdico é testemunha. Não há nada de individual nestas áreas. A excitação e a histeria são comunitárias.

É sobre esta constatação, na qual a razão reta e o bom senso se conjugam, que podemos compreender que, seguindo o pêndulo das histórias humanas, após um momento de domínio racionalista, vemos voltar uma época sensualista, na qual vão predominar o que F. Bacon chamava de “ídolos da tribo”. Com os preconceitos próprios às contaminações que esses ídolos suscitam, mas, igualmente, com os fervores fraternais que eles não deixam de impulsionar. Há idolatria no espírito do tempo e todos os domínios da vida social estão contaminados.

É ela própria que caracteriza uma atmosfera emocional que tal como uma onda invade todos os setores, sejam eles os mais institucionais da sociedade. O que, portanto, provoca uma mudança substancial nos estilos de vida. Progressivamente, a “Providência” não é mais dispensada pelo Pai todo poderoso ou seus avatares de estado, mas ela brota, continuamente, de todos os poros do próprio corpo social. É assim que, para designar essa profunda transmutação de todos os valores que foram regidos pela modernidade, podemos considerar que o paradigma pós-moderno se enraíza em uma espécie de “razão prática” do “afreiramento”. Este se baseando, naturalmente, nestes sentimentos altruístas fundamentais que, com mais ou menos força, estão presentes no coração de todos os homens.

Todo pensamento verdadeiro é uma “aposta”, conforme entendia Pascal. Sabemos, também que, ao contrário das tranquilas e antiquadas certezas dogmáticas, toda pesquisa prospectiva se elabora a partir de uma visão e se enriquece de um campo aberto de hipóteses, o quão audaciosas sejam. Nesta área, que concerne o renascimento

da “lei dos irmãos”, pretende-se notar o reaparecimento de um imaginário da fraternização que, regularmente, pontua as histórias humanas.

Trata-se aqui de uma das intuições mais loucas de Auguste Comte, quando ele qualificou o “Grande-Ser” como a solidariedade que une, de maneira orgânica, os vivos, os mortos, os humanos, os animais, ou seja, todos os elementos naturais e culturais. Ou ainda Restif de la Bretonne, que materializa o espiritual quando fala do “Grande Animal”, união de tudo que existe no universo conhecido ou desconhecido. Trata-se de metáforas, um pouco etéreas, mas que podem ajudar a compreensão das formas empíricas de interações e de reversibilidades, simplesmente como apoio constituinte, em certos momentos, um laço social enraizado no que é vivido no mais próximo da vida quotidiana. A *proximidade* como causa e efeito da “razão prática” do “afreiramento”.

A este respeito, é instrutivo perceber o curioso dinamismo, aparentemente paradoxal, do movimento mutualista na pós-modernidade. Sociedades cooperativas, sociedades de pessoas que se baseiam essencialmente em um “pacto” interativo no qual os afetos têm um papel inegável e as solidariedades se enraízam em uma partilha que restabelece o pleno sentido a todos os aspectos da humana natureza. Pacto humanista que mobiliza o bom senso e a razão concreta em um misto sem fim. Mutualismo financeiro, pessoas e pós-modernidade, eis um conjunto que pode parecer estranho, mas é sintomático da transmutação em curso<sup>6</sup>.

Eis uma expressão concreta do “afreiramento” que, além de um igualitarismo de fachada, remete a uma ordem simbólica, ou seja, orgânica, que dá conta da pessoa como um todo em seu quadro comunitário. No território que lhe serve de fundação: o lugar faz o laço! Ao encontro de uma igualdade ideal, frequentemente verbal, a mutualidade e a cooperação lembram que o viver-junto antropológico baseia-se na complementaridade de uns e de outros, de uns para outros. O que acarreta o que



Joseph de Maistre chamava de “a emulação sem humilhação” (*Considérations sur la France*, 1796).

Trata-se aqui de um *culto da fraternidade*, algo bem diferente da fraternidade racional e divulgada tal como um feitiço no qual não acreditamos, sobre os frontões dos edifícios públicos franceses. Vaga lembrança de uma efervescência revolucionária que foi adormecida ao longo do século XIX, em um rechonchudo burguesismo. *Culto da fraternidade* que, de maneira irrefutável, perdura no mais profundo viver-junto e garante, misteriosamente, a solidariedade do conjunto. Não dizemos que o fio condutor é este mesmo que, no centro de uma corda, permite medir a solidariedade ou o desgaste do inevitável?

É este “culto” que, como uma maçonaria esotérica, vai ser encontrado nas tribos pós-modernas, nas “*cailleras*”, cidades e outros conjuntos de *afinidades eletivas*. Sabendo ou não disto, o fio condutor de todas essas comunidades encontra-se nos rituais praticados, nos segredos compartilhados, nas vibrações comuns, servindo-lhes de ligação. Posso, aqui, voltar à noção operadora para descrever a formação da ética oriunda de tal estética: sintonia, ou seja, a força invisível, tênue, mas não menos sólida, que garante a coesão dos grupos em questão.

Rituais, segredos e partilha de gostos de todos os tipos (musicais, esportivos, culturais, sexuais) tratam-se aqui de uma verdadeira “*disciplina arcani*”, aquela disciplina dos arcanos de antiga memória, que confortava a solidariedade vivida, impunha regras de hospitalidade, especificava as “obrigações” que, através de festas e diversas bebedeiras coletivas, garantia a elaboração e a manutenção da comunidade primordial. Estar-junto inicial cujo cimento é mais emocional que racional.

Esta solidariedade fraternal opera, de fato, mais no plano da experiência que naquele da história. Deve-se entender por isto que, por um lado, ela é menos consciente que inconsciente. É assim que o *dream together* é um *leitmotiv* recorrente que encontramos

tanto na música (*Bollock*) quanto nas produções cinematográficas (saga *Harry Potter*). Em cada um desses casos, o próprio da *experiência* (cf. o velho francês “*espérir*”) é morrer em si para nascer no outro. Por outro lado esta experiência coletiva exprime a totalidade do ser. Não simplesmente o branco oposto ao negro, mas o claro-escuro da existência. Um exemplo entre mil é o da cantora *soul* Amy Winehouse: “*You know I’m bad*”. Revindicação da parte obscura de cada um como aceitação do Outro em sua estranheza.

O sonho coletivo e a totalidade do ser, eis as características essenciais de uma socialidade, ou seja, de um viver-junto, não mais se baseando no simples e racional “Contrato Social” tal como ele foi elaborado a partir do século XVIII, mas sim em um “Pacto” onde o afetivo tem uma proporção considerável. É tudo isso, de forma ampliada, que podemos chamar de “lei dos irmãos”: regras, rituais, obrigações múltiplas, hábito imposto, mas tudo isso é reversível, interativo, em perpétua dinâmica. Eis o que baseia um “*ordo amoris*”, devolvendo sentido a uma *religação* originada no *elo* (“*religare*”) e gerando a *confiança* (“*ligação*”). ●

## NOTAS

- <sup>1</sup> Texto traduzido por Roberta Coelho Barros
- <sup>2</sup> N. T. Do original, *affrèment*.
- <sup>3</sup> N. T. Da região do Languedoc-Roussillon, na França.
- <sup>4</sup> N. T. *Félibrige* é derivado de *félibre*, uma palavra Provençal que significa “pupilo” ou “seguidor”. *Félibrige* é uma associação literária e cultural fundada por Frédéric Mistral em 1854 para defender e promover a língua e a literatura *Occitan* (antiga província francesa que é hoje o Languedoc-Roussillon).
- <sup>5</sup> Em meu próximo ensaio, que deve ser publicado em 2012, irei analisar o retorno deste “*Homo Eroticus*”.
- <sup>6</sup> Cf. M. Pouzet e M. Maffesoli, *Mutualisme financier, société de personnes et postmodernité*, CNRS Éditions, Paris, 2009.